

MANOEL ANTONIO

REINO DE DEOS

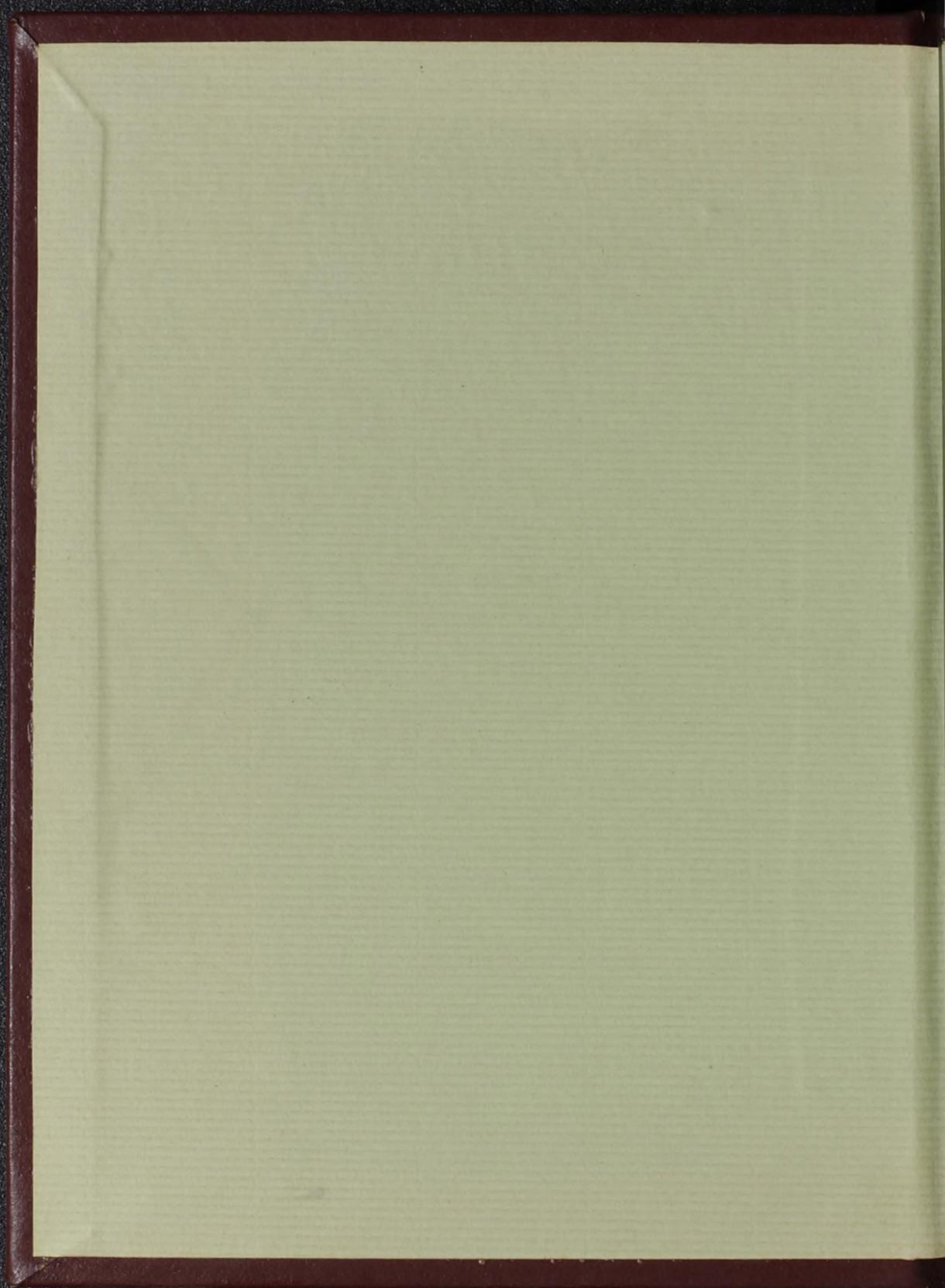
OU

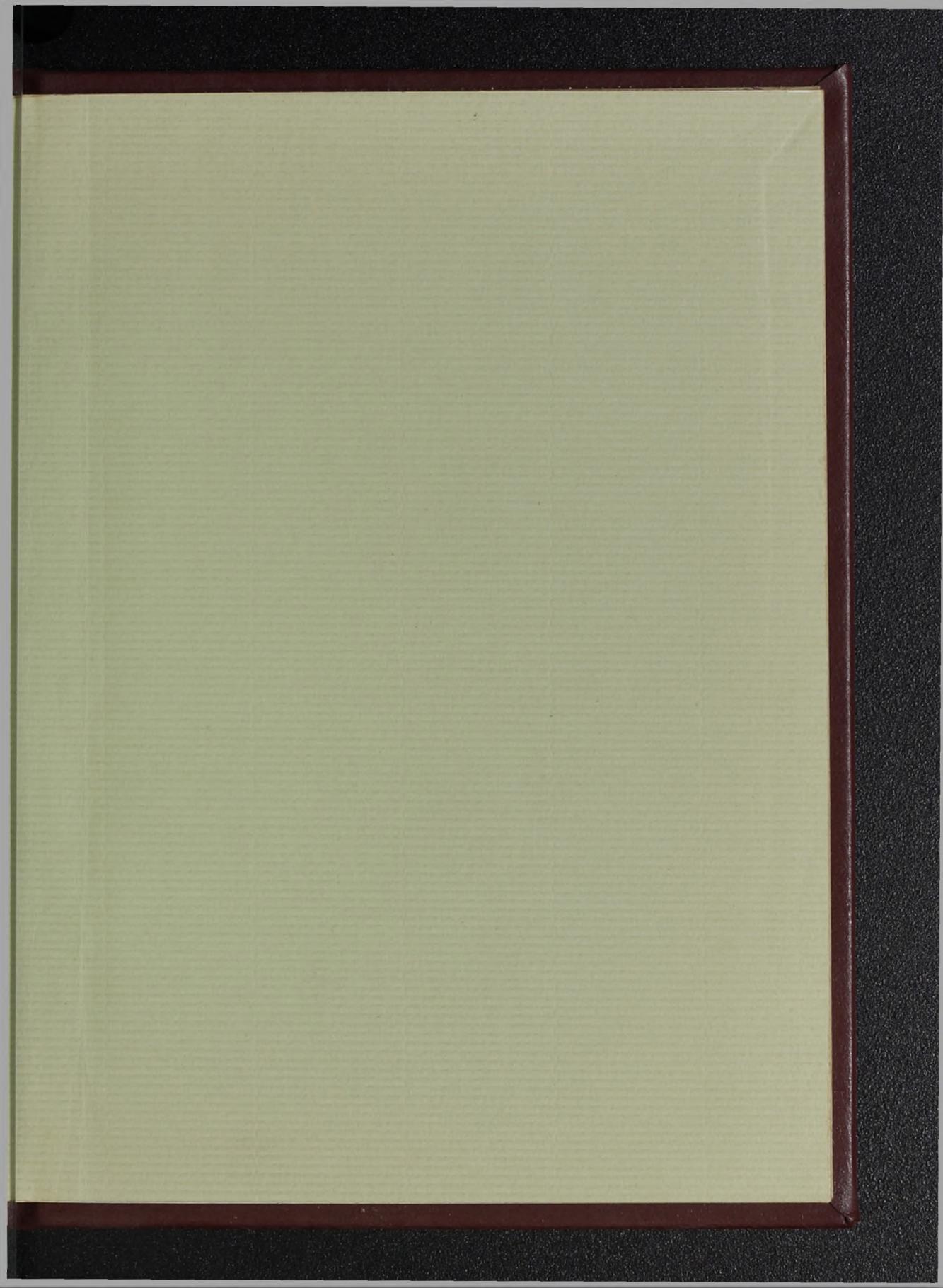
REINO DE PORTUGAL

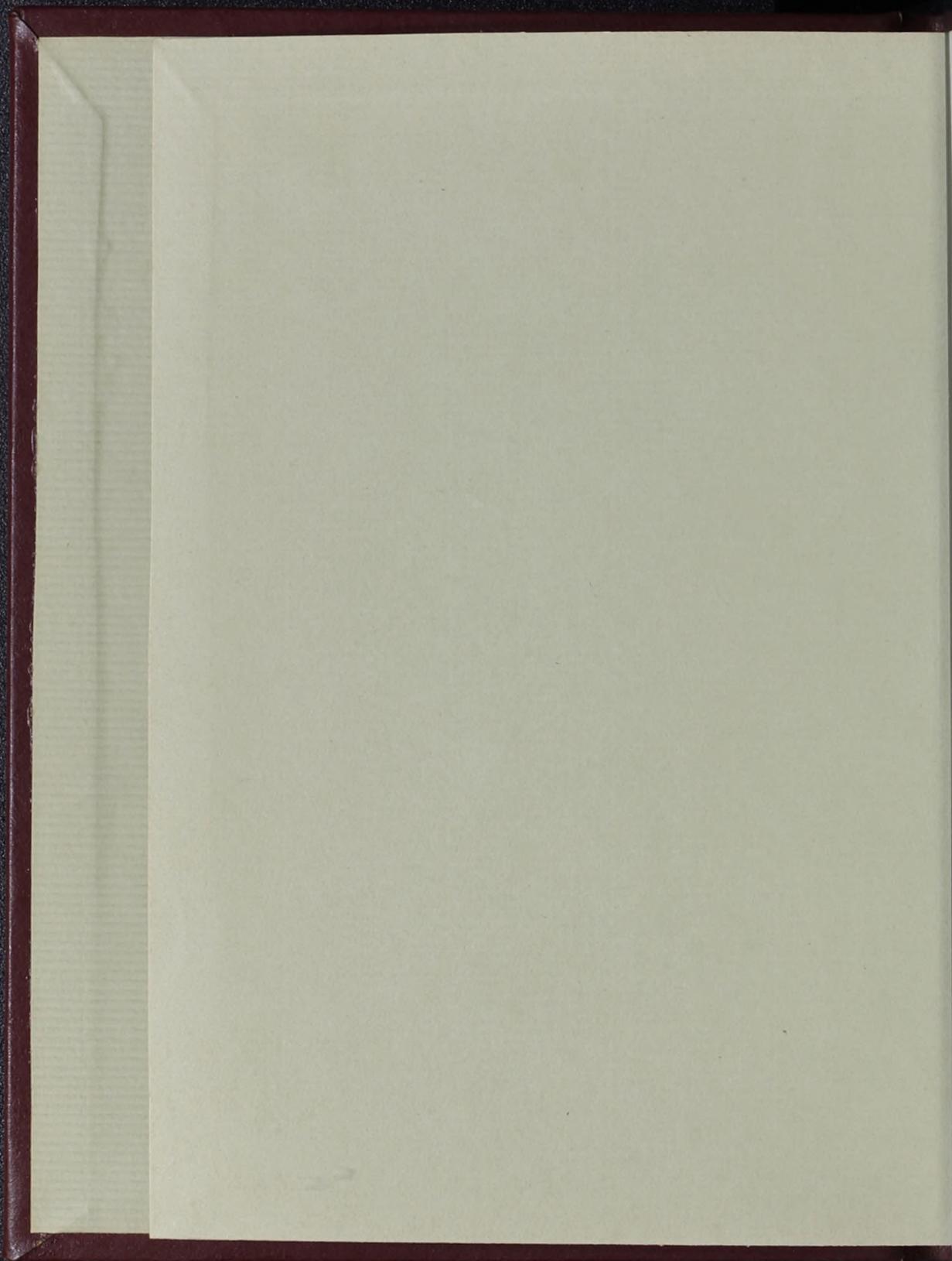
LISBOA

1778

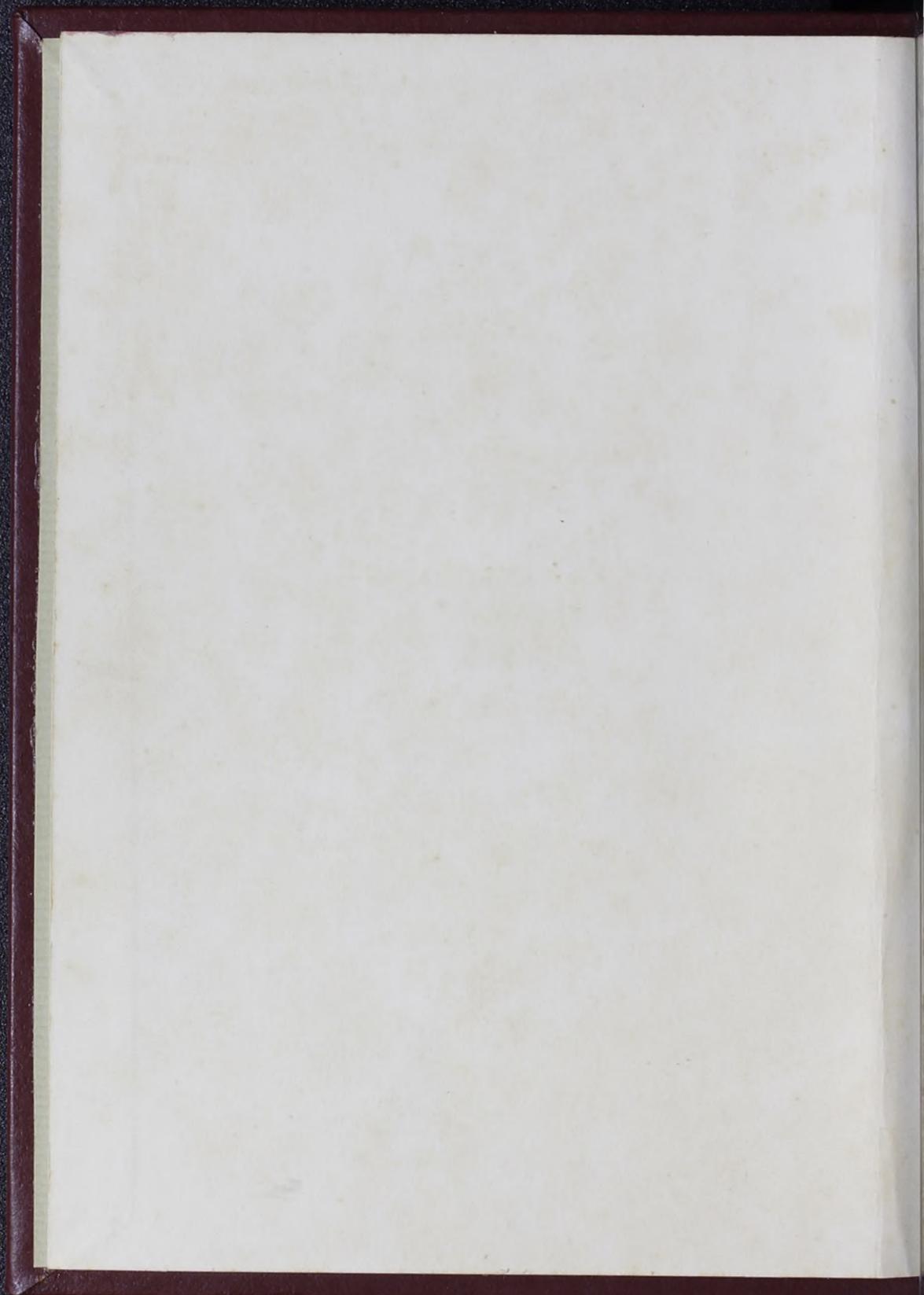
B. M. O. L.











472

REINO DE DEOS,
O U
REINO DE PORTUGAL.
PANEGYRICO FUNCHALENSE,
OFFERECIDO
AOS MUITO ALTOS, PODEROZOS,
E FIDELISSIMOS REIS AUGUSTOS
A SENHORA
D. MARIA,
E O SENHOR
D. PEDRO III.
AMBOS GLORIOZOS MONARCAS
DE PORTUGAL,
LEGITIMOS, E VERDADEIROS REIS PORTUGUEZES,

Por MANOEL ANTONIO
DE AZEVEDO HENRIQUES,

O mais humilde, indigno, mas fiel vassallo de Suas
Magestades Fidelissimas.

REPARTIDO EM QUATRO LYRAS,

Na primeira se contém as razoens da Acclamação. Na Lyra segunda se trata
da Fundação do Reino de Portugal. Na Lyra terceira se trata da Ascen-
dencia santa de Suas Magestades Fidelissimas. Na quarta Lyra se
continúa o mesmo assumpto e se trata sobre o juizo,
e esperança do povo.

✠
L I S B O A

Na Officina de JOAÕ ANTONIO DA SILVA,

Anno M. DCC. LXXVIII.

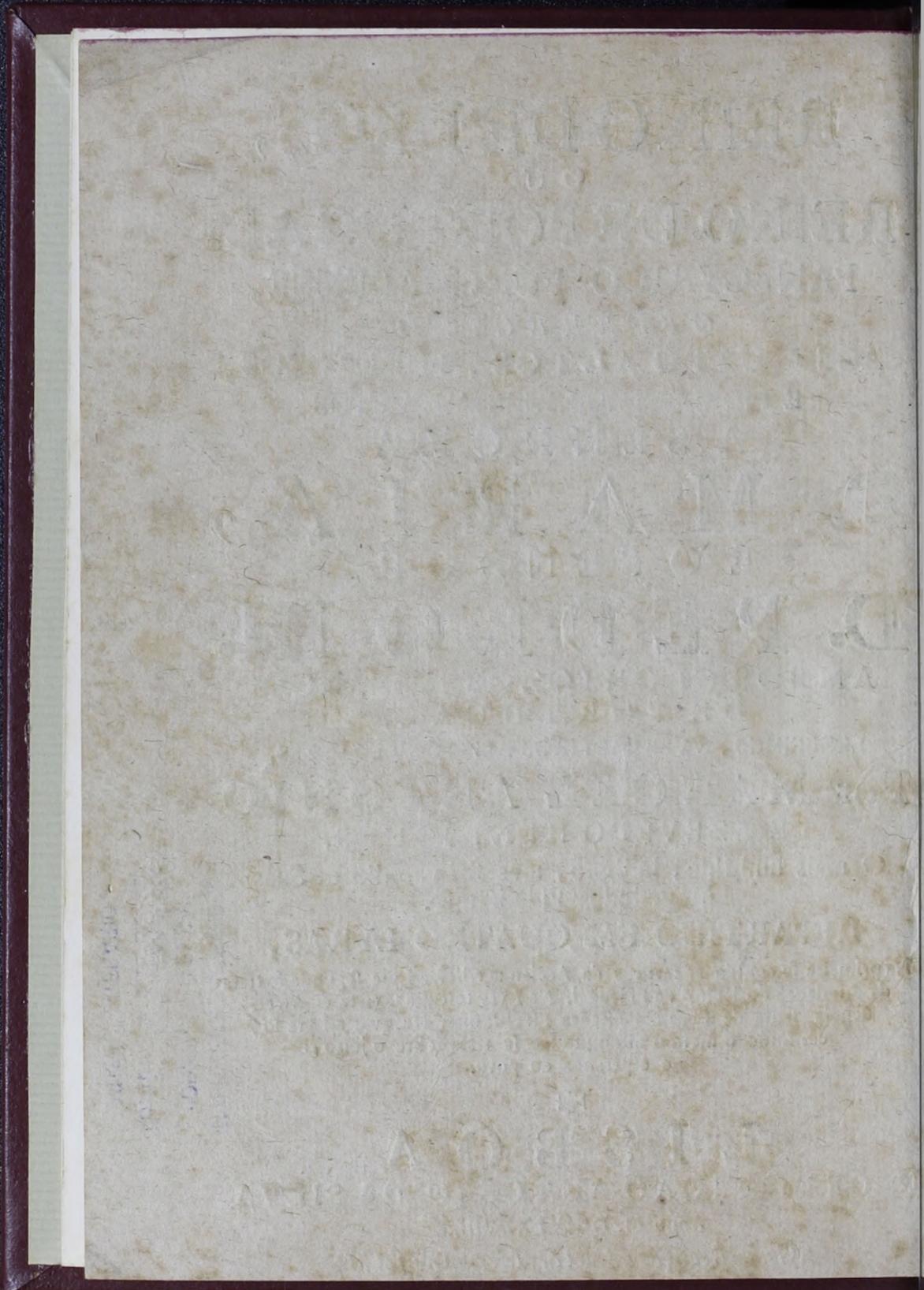
Com licença da Real Meza Censoria.

BIBLIOTECA MUNICIPAL

"ORIGINES LESSA"

Tombo N.º 31849

MUSEU LITERÁRIO



(3)

REINO DE DEOS,
O U
REINO DE PORTUGAL.

L Y R A I.

Sobre a Real Acclamação.

Texto do Livro I. dos Reis, cap. 10. vers. 24. *Certe videtis, quem elegit Uominus, quoniam non sit similis illi in omni populo; & clamabit omnis populus; & ait: Vivat Rex.*

SUSPENDE o alto vôo, ó Deoza Sacra,
Pyra do louvor, e clarim do mundo;
Ouve-me attenta hum pouco, e entre tanto
Maior luz te darei para o teu Canto.
De Roma Imperial não canto as glorias
No antigo Romulo seu Rei primeiro:
Nem quando Imperio a fatal Potencia;
Porque tudo cessou na decadencia.
Eu não canto dos Gregos, e dos Médos,
Nem dos Assyrios, dos Persás a Coroa;
Nam intento louvar com harmonia
Grandes Reinos da falsa Idolatria.
Não vou homens formar d'um grande monte;
Que tal quimera se reduz a fumo:
E quem discorre assim, vê seu projecto
Sahir á mente igual d'outro Architecto.

A ii

Do

Do falso adulator não figo idéas,
 Narrando de Alexandre, e Póro a pleja;
 Que, por ser lizongeiro, ao livro vio
 Lançado pelo Rei no Idaspe rio.
 Eu não descrevo o sonho de Nabuco
 Na admiravel estatua transformado;
 Que, apenas d'uma pedra foi tocada,
 Cahio em terra desfeita, arruinada.
 Mas eu vou só cantar d'um Reino Santo,
 E d'uma Geração de Deos amada;
 D'uns Reis, onde Christo obrou o mysterio
 De erigir, e augmentar o seu Imperio.
 Porém como, imprudente muza minha,
 Te atreves a cantar tão alta gloria,
 Se he tão grande o assumpto para o canto,
 Que tu não chegarás, nem eu a tanto?
 Canstas-te por fazer mais doce a lyra,
 Sendo tão relevante, e excelsa a empreza,
 Que, quanto mais a lyra lhe afinares,
 Tanto mais sobirá aos puros ares.
 A alma singular, que anima ao metro,
 Hoje chega a vencer discursos grandes;
 E tu, pequena, humilde cantar queres
 Do que ainda nenhum teve poderes?
 Tu de hum Reino, que Deos tem elegido
 Para si, para seus amados justos?
 Tu de hum Sceptro, e de huns Reis abençoados
 Pódes formar louvores sublimados?
 Queres Icaro ser do teu arrojo
 Em aguia transformar-te em vôo altivo,
 Sem ver que huma tal temeridade
 A confunde o esplendor da Magestade?

Naõ, ó Muza: tu só naõ pódes tanto;
Mas implora a quem póde dar-te o metro.
O Reino he de Deos, pede-lhe a virtude;
Que he razaõ que a louvallo o Ceo te ajude.

O' felices moradores de Siam,
(Naõ falsas filhas do Apollineo Deos)
Vós, Anjos do Senhor, enchei-me o peito
Da metrica luz, de hum furor perfeito.

Pois as glorias de Portugal naõ posso
Só cantar como devo dignamente:
Vós me allumiai, já que sou taõ pobre;
E em tudo fazei minha muza nobre.

E Vós Augustos Reis do Throno Luzo,
Monarcas, a quem Deos estima, ampara,
Humanizai a Sacra Magestade:
Ouvi-me, e exaltareis vossa bondade.

Que nova luz do Sol, que novo dia
No grande pólo brilha Luzitano!
Eu vejo o esplendor da aurea edade
Dos tempos renascer na extremidade!

O Ceo trocando a esféra diamantina
Em campos de brilhantes resplandores,
Dando em rizados Aurora a face bella
Donde dá luz o Sol á Lua, á Estrella!

Febo dourados deixa aos altos montes:
Essas arvores, flores, plantas verdes
Formando de engraçadas novo ensaio,
Daõ mais brilhante gala a Abril, e Maio.

O envelhecido tronco reverdece,
A incognita raiz na terra occulta,
Que em desprezos jazia sepultada,
Huma flor, e outra flor brota engraçada.

O indómito bruto, o manso gado
 Em differentes figuras admiro;
 O mais docil saltando de alegria,
 O bravo troca em manso a tyrannia.
 Já tudo o que se move, e piza a terra,
 Virtude occulta de prazer inunda,
 Que santa paz feliz vai respirando,
 E mais nobres alentos a si dando.
 Animadas porsoens do debil barro,
 Que só deve a substancia ao Deos Eterno,
 E ao furor escapáraõ do verdugo,
 Alegres correm ao offrecer-se ao jugo.
 Novo, e doce jugo, que abraçaraõ
 Dentro em seus coraçoens fiéis unidos;
 A quem nunca jámais o odio infano
 Da lealdade mudou para tyranno.
 Tudo assim vejo ser novas imagens
 Da justa vallagem, da alegria:
 Vejo a Terra, e o Ceo em resplendorse
 Dando luz ás estrellas, graça ás flores.
 Mas que gloria feliz hoje me espera?
 Oh como nos sois bons, sagrados Ceos!
 Já nos fertis confins do mundo vejo
 Mil bandeiras triunfar no undozo Tejo.
 Já ouço retumbar no mar, e terra
 Estrepitos fataes do graõ Vulcano;
 E os eccos do clarim, que a Fama entõa,
 Euro os move na esfêra de Lisboa.
 As Armas de Mavorte se dirigem
 Em triumpho immortal, que aos Reis se devem:
 Bellas nynfas do rio celebrado
 Prazeres moltraõ no pompozo Estado.

Humas em curvas conchas reclinadas,
 Entransados os cabellos de ouro fino,
 Em perolas, e aljofres prateados,
 Repetindo mil vivas alternados.

Outras sentadas em Delfins potentes,
 Que a natura creou do mar profundo,
 Coroas trazem de coral brilhante,
 Ornadas do esplendor do diamante.

Nas diáfanas ondas varios peixes,
 De mui diversas cores matizados,
 Saltando sobre as aguas Tajerinas,
 Trazem na boca pedras cristallinas.

Já nas douradas margens vejo alegres...
 Porém oh que seriaõ mais felices
 Estes dezejos bons de sã candura,
 Se eu visse realmente esta pintura!

Mas a quanto não chega o sentimento
 D'uma alma nobre, cheia de dezejos!
 Ella ás coizas de maior gloria aspira,
 Ella vivas demonstraçoens suspira.

Se ao Ceo, á Terra, e Mar extendo a vista,
 Admiro produzir novos prodigios,
 Que ao futuro daraõ aflumpto á Historia,
 Gosto ao Ceo, luz ao Ar, a Terra gloria.

Sobre as azas do vento vejo soltas
 Na Lyzia tremular as sacras Quinas:
 Nas Torres, e Castellos de Mavorte
 Triunfantes salvas do elemento forte.

D'uma parte esquadroens de gente armada,
 De outra em jubilo o Povo Luzitano,
 A quem fazem feliz taõ nobre dia
 O Luzo Sceptro, o Ceo, PEDRO, e MARIA.

Lá

Lá do Oceano o filho de Neptuno,
 Pelas portas do Tejo cristallino
 O Marinho Tritaõ em carro undozo
 Conduz tambem ao Velho procellozo;
 Rendendo a Portugal o graõ tridente
 Do imperio movel, da regiãõ aquaria,
 Que nos mares tem poder absoluto,
 Pois lhe julga dever este tributo.
 Aquellas quatro Deozas dominantes
 Nas quatro partes do Orbe portentozas,
 Para a Lyzia feliz chegaõ contentes
 Em carros de cristal reiplandecentes.
 As Deozas figuradas nas Naçoens,
 Que estaõ de cada parte neste pólo,
 Engraçadas trazem nas mãos formozas
 Dourados cofres de offrendas preciozas.
 Tudo em fim rende á Lyzia vassallagem,
 E adoraçoens profundas lhe consagra.
 Este he o tempo feliz da aurea edade,
 Que exalta aos Ceos a Luza Magestade.
 Oh prodigios da mente bem pensados!
 Oh idéas do homem bem nascidas!
 Porque nada se faz incompativel
 A' virtude de Deos incomprehensivel!
 Prodigios de maior affombro, e pasmo
 Obrou o Deos terrivel sobre o Egypto,
 Mostrando que era seu aquelle povo,
 Cujo sacro poder respeito, e louvo.
 Mas a illustre Naçaõ da Luzitana
 Tem obrado por Deos prodigios grandes;
 Seu poder respeitavel, sem segundo,
 Tem cauzado terror a todo o mundo.

Dize tu , ó fatal Africa ardente ,
 Publique a clara voz d'Azia famoza ,
 America , e em fim Europeanos
 O poder dos Monarcas Luzitanos.
 Já deste povo aos Reis propicia delce
 Daquelles altos Ceos a santa Graça ;
 Pois na terra de Deos vejo a vontade
 Cumprir-se dos deus Reis na Magestade.
 Porém , ó Muza minha , aonde vòas ,
 Sem temer te confunda o mesmo affombro ?
 Sempre queres chegar ao alto Throno
 Da Lyzia , de quem Deos he sacro abono ?
 Mas , oh Lyzia , oh Throno , oh Deos Piedozo !
 Esta forsa tão justa de minha alma
 Eu não posso vencer ; nem eu me atrevo
 Encobrir no peito o que mostrar devo.
 Vejo desenrolar os Estendartes
 Do Reino Portuguez , da Nação Luza ;
 Vejo a muitas Naçoens alvoroçadas ,
 Nesta gloria , e prazer encorporadas.
 Ouço vivas dispersos por mil bocas
 Só por MARIA , e PEDRO , Reis Augustos ;
 Cujos eccos , soando pelos ares ,
 Lhes vão levantar thronos singulares.
 Tu , Africa , que viste o Sceptro Luzo
 Dominar sobre ti , com forsa ingente ,
 Teus Lunares treséos tendo vencido ,
 Só plejando por Decs , aos Ceos unido ;
 Tu , Azia feliz , que a Lei sagrada ,
 E Luzas Quinas , que sujeita adoras ,
 Cujo sangue infiel no Indo , e Ganges
 Fizeraõ derramar nosseos altanjes ;

Tu, Provincia da Cruz, que desentranhas
Do centro de ti mesma a mór substancia,
Que aní na, e só governa ao mundo inteiro,
Transformando-se em ouro verdadeiro. ;
Tu, Europa, em fim que, mais que todas,
A foria Portugueza experimentaste,
Pois quando o seu poder sobre ti viste,
Debaixo do seu Sceptro lhe cahiste ;
Todas lhe levantem Throno Augusto
A' Regia Exaltação dos Reis da Lyzia ;
Que em dia singular de tanta gloria
Em todas as Naçoens se faz notoria.
A Nação mais feliz da Luzitania
De jubilo, e de gloria o peito enche ;
E nos seus coraçõens fiéis, seguros,
Hum, e outro lhes rende os votos puros.
Reinos de Portugal, do Antigo Algarve,
Os Reinos dos Brazís, Africa, e India,
E as Ilhas, que dominaõ o mar Oceano,
Aos novos Reis daõ culto soberano.
Aos nossos Reis de Portugal famoso,
Aos Consortes Reaes, PEDRO, e MARIA,
Acclamaõ com prazer cheios de gloria,
E faz-se ao mundo Acclamação notoria.
MARIA d'um Bom Rei Augusta Filha,
E PEDRO d'um Rei Justo Filho Excelso,
Ambos da terra, e Ceos saõ acclamados
Reis da Lyzia, do mundo respeitados.
Ah Sacros, Justos Ceos, que assim fizestes
Toda vossa a eleição deste Conforcio,
Como agora os fazeis Reis Soberanos
Sobre o Throno dos Reinos Luzitanos.

Pois, para ser feliz o Luzo Sceptro,
Dêste á Lyzia Reis, dêste-lhe as Chagas
Por Armas, e Brazaõ do seu Escudo,
Que tem por seu favor vencido tudo.

Exulta, ó Portugal, exulta alegre
Nas glorias, que feliz dos Ceos alcanças:
Exulta de prazer, pois Deos te ha dado
Hum Reino em dois Reis abençoado.

Solta a agradavel vez do fiel peito;
Repete, ó Portugal, doce harmonia:
Louva a Deos, exalta aos teus Soberanos
Eleitos pelos Ceos aos Luzitanos.

He MARIA feliz em ser Rainha;
E PEDRO, por lhe ser ao Sceptro unido:
Quis Deos fazello Rei no mesmo dia,
Em que á Esposa a Croa concedia.

Eis-aqui como o Ceo, Monarca Augusto,
Premêa aos coraçõens de sans virtudes,
Que, esperando em Deos com temor santo,
Recebem do Senhor hum premio tanto.

Já toda a Regia Corte se encaminha
A' Capella Real, a Deos dar graças;
E junto ao Rei D. PEDRO cõ'alegria
A RAINHA feliz Dona MARIA.

Os dois excelfos Reis vãõ adornados
Das insignias Reaes resplandecentes:
Já ao Templo de Deos são conduzidos,
E parecem allí dois Soes luzidos.

Bemdito seja Deos, e os Reis Bemditos,
A quem Deos elegeu, abençoados:
Goze todo o seu Sangue esta ventura,
Que nas Mãos do Senhor está segura.

Toque já da Fama a voadora tuba,
 Espalhe do Universo aos Reinos todos
 A gloria singular do alto Dia,
 Em que o Ceo acclamou PEDRO, e MARIA.
 Rendi em fim todo Orbe vassallagem
 Aos Augustos Monarcas Portuguezes;
 Pois chega destes Reis, se bem me fundo,
 O seu grande poder ao todo mundo.
 E Vós, Amados Reis, Monarcas Pios,
 Na graça do Senhor vivei alegres;
 Vivei ambos felizes, venturozos;
 Nós feremos tambem por Vós ditozos.
 Mil graças ao Ceo damos, pois vos vemos
 Livres de insultos da maldade feia,
 Sobidos felizmente ao Throno Augusto,
 Dando á Perfidia pasmo, á Inveja susto.
 Morda-se o Dragaõ de raivoza furia;
 E, arrastando as cadeias desgraçado,
 No Throno vos adore; e reconheça
 Que lhe pizais c'os pés a vil cabeça.
 Queira o Ceo em fim que o Reino vosso
 Sempre em doce paz, sempre na abundancia
 D'um, e outro publique nas edades
Viva o Rei, que nos deu felicidades.

Fim da primeira lyra.

L Y R A II.

Sobre a Fundação do Reino de Portugal.

*Volo in te, & in semine tuo Imperium mihi stabilire,
ut deferatur Nomen meum in exteras gentes.*
Monarq. Luzit. Part. 3. liv. 10. cap. 5.

*Ego autem constitutus sum Rex ab eo, prædicans præ-
ceptum ejus. Psalm. 2. vers. 6.*

QUIZ Deos para si hum Reino Illustre,
E hum Povo, que fiel lhe fosse sempre;
Naõ como a Naçaõ d'Israel antigo,
Que de amigo mudou para inimigo:
Naõ como hum povo ingrato, e sem constancia,
Como aquelle mostrou na variedade
Dos deozes, que abraçou; desconhecido
Daquelle Deos, que o fez Povo escolhido.
Porém quiz para si a gente forte,
A Naçaõ, que fiel sustém firmeza
Na invariavel Fé do Deos Eterno,
Contra as forsas fataes do escuro Averno.
E sendo taõ vasta a extensaõ da Terra,
Sómente a Portugal o Ceo aceita
Para si; e neste hum Varaõ procura,
Que o reja em seu lugar com fé segura.

Vir-

Virtude singular de Affonso Santo
 Celestial mereceu taõ alta honra:
 Neste quiz o Ceo fundamentar
 Hum Reino, que ha de sempre eternizar.
 Só no Filho de Henrique, Conde Excelso,
 Em D. Affonso Henriques quiz o Ceo
 O alicerce erigir do Reino Luzo,
 Que o Poder de Mahomet deixou confuzo.
 A forsa da Virtude clara, e pura,
 Que no seu puro peito reluzia,
 Só fez abrir nos Ceos excelsa porta,
 Donde o Filho de Deos se lhes transporta.
 Hum Varaõ exemplar da Penitencia,
 Que mais de sete vezes dez contava
 Nos dezertos de Ourique largos annos,
 Em solidaõ occulto dos Tyrannos.
 Estando Affonso lendo a grande historia
 De Jozué na batalha, que vencera,
 Lhe predice naquelle mesmo dia
 Que de Deos hum favor receberia.
 Já vem rompendo a luz da madrugada:
 Ouve o signal Affonso; corre armado
 Com alvorço ao campo: e de repente
 Hum prodigio lhe apparece no Oriente.
 Entre brilhantes luzes de mais perto
 Cercado de Anjos vê a JEZUS Christo:
 E, abatendo-se Affonso humilde á Terra,
 Adora ao Deos, que na vizaõ se incerra.
 Assim ouve que o Filho do Eterno
 Claramente por si lhe faz seguro
 Nelle hum Reino fundar com condiçoens,
 Que ha de ao fim persistir das geraçoens.

O Deos, Filho do Padre Omnipotente,
Fala a Affonso, e entregalhe o Imperio
Naõ só para infundir no Mouro espanto,
Mas para dilatar feu Nome Santo.

Continúa Christo em Throno glorioso
A Promessa, que fez ao Sangue Regio
Desta Luza Nação, que foi patente
Entre os Anjos, e os Homens claramente:

Que este Reino da insigne Luzitania
Tomava para si, por feu Imperio;
E que seria até ultima idade
Puro na Fé, constante na Piedade.

Das sacras Mãos, e Pés, do Lado santo
(Signaes da Redempção) lhe ordena Christo
Santas Quinas; que abrio o ferro agudo
Por armas invenciveis do Escudo.

Quando do berço o Sol se levantasse,
Seu exercito Rei o acclamaria:
Que aceitasse a eleição, que na verdade
Era feita por Deos esta vontade.

A palavra de Deos he infallivel;
E á face dos Homens, e dos Anjos
A Affonso prometeu com voz expressa
Ser eterna em feu Sangue esta promessa.

Tudo já se cumprio justamente;
E hoje bem se cumpre o favor santo,
E se ha de cumprir para o futuro
Nos floridos ramos d'um Tronco puro.

As justas condiçoens se praticaraõ;
A promessa se vio sempre firme
Até Sebastiaõ, e Henrique o Casto,
Durando por ditozo tempo vasto.

On le sempre se vio , e será visto
Do Reino , e dos Reis o Brazaõ do Nome
Pois nunca contra a Fé amaram enganõs ,
Sendo Fidelissimos Soberanos .
Mas sendo os tres Filippes já passados ,
E purgada tambem do Reino a culpa ,
Já por seis vezes dez annos inteiros ,
Deu outra vez o Reino aos seus herdeiros .
E no grande Joaõ Quarto nos restaura ,
(Profeguindo outra vez sua promessa)
Porém Pedro por sorte , e por mysterio
Reinou de Affonso como Rei no Imperio .
De Pedro o Augusto Pedro o Ceo nos dera
Huma Arvore feliz de tal grandeza ,
Que seu ambito largo , e sem segundo ,
Abraçou toda a parte , a todo o mundo .
Este era aquelle Rei chamado o Magno ,
O Excellõ D. Joaõ no nome Quinto ,
Que tantos ramos produzio Augustos ,
Frutos de bençaõ , destinados Justos .
O Clemente Jozé , Rei compassivo ,
Deste tronco Real já foi mudado
Só pela Maõ de Deos Omnipotente ,
Para nos Ceos reinar gloriozamente .
Mas quiz agora Deos , que sua herdeira
Maria por Direito succedesse ;
E , onde vio reinar Jozé Primeiro ,
Quiz reinasse tambem Pedro Terceiro .
Estes dois grandes Reis , estes Esposos ,
Saõ do Famoso Henrique descendentes ,
E netos de Joaõ Quarto de Bragança , (a)
Onde o Reino tem posto a confiança .

Estes Ramos Excelfos, que florecem (b)
No Augusto Solar d'Alta Braçançã,
Por mercê singular, que o Ceo nos dera,
He quem hoje sómente nos impéra.
Se ás Filhas de Salphaad Deos permittio
A herança de seus pais, varoens faltando,
Fazendo que Moyzès por lei pozesse
Que a filha ao pai na herança succedesse:
Em vós, Rainha Excelsa, está cumprida
Esta lei do Senhor: o Ceo previo
Que esta lei, que se deu á Hebraica gente,
Comprehenderia a Portugal potente.
Desde Egla, Maala, Noa, e Térfa
He das filhas tambem da herança a posse;
E sendo lei de mais de tres mil annos,
Inda dura nos Reinos Luzitanos.
Regia Neta sois de Joaõ o Magno;
Já deste o Ceo passou a grande graça
A vosso Excelso Pai, Jozé Primeiro,
Que hoje Pedro possue já como herdeiro.
Desde os Troncos Reaes, que o Ceo recolhe
Lá no feio de Siam, e do seu Reino,
Só distingue a razaõ dos seus Estados
Seis Monarcas ao Throno sublimados.
Destes seis vivem só PEDRO, e MARIA,
Que unidos os dois Reis em hum só corpo,
Ambos tem nesta Imperial Lisboa,
Só como hum Rei, deste Reino a Coroa.
Não pára a graça aqui; que a Providencia
Já nos conserva dois Famosos Ramos:
Pois, segundo a Fé que a Naçaõ confessa,
Eterna verá Lyzia esta promessa.

Para gloria do Reino Luzitano
Os dois Ramos nasceraõ de iguaes Troncos;
Cujo succo nutricao, que os anima,
He do dobrado Tronco, que os domina.
Em D. Pedro Terceiro se figura,
E na Rainha Mãi, Excelsa, Augusta
Esta Arvore feliz produzidora
Dos dois Ramos, de que ainda he Senhora.
Por ventura, Alto Rei, D. Pedro Augusto,
Por ventura naõ he o Ceo clemente,
Se hnm Bom Rei nos tirou dos nossos braços,
Em deixar-nos dois Reis em doces lasso?
O Magno Joaõ deixou no vosso Peito
Recolhida a virtude da Piedade:
O clemente Jozé na Filha Augusta
Vio as virtudes da Bondade Justa.
Aquella Excelsa Mãi, Mãi faudoza,
Que ainda do Regio Espozo adora a Imagem,
E cujo original o Ceo lhe dera
Em lasso do Hymeneu, que recebera,
Adoptou na Real formozza Filha
A sã Justiça, a Paz, justa Clemencia,
Realfando-se mais na Magestade
Ternura, compaixaõ, e piedade.
Nesta Filha Real o Ceo propicio
Continúa a promessa sacrosanta;
E por fim lhe dá por Celeste forte
Sociedade no Sceptro em feu Conforte.
Por isso, ó tu feliz geraçaõ Luza,
Naõ pódes duvidar do favor santo,
Que aquelle Senhor, Deos da Christandade,
Te faz a ti na Prima Magestade.

Repara como o Ceo foi produzindo
Frutos Celestiaes do Tronco Sacro!
Ah, Soberanos Reis, Vós sois ditozos,
Sois Reis de Portugal, sois Bons Esposos.
A Vós ambos o Ceo vos produzio
D'um Real Tronco por Deos abençoado;
Vós ambos possuís altas virtudes,
Que não vem os entendimentos rudes.
O Ceo melhor, que os homens, as conhece,
Elle abençoou o Regio Thalamo;
E a Vós ambos só quiz divinamente
Fazer-vos Reis da Luzitana gente.
Cheio de amor o bom Deos de Piedade
Assim como ao Conforcio vos unio,
Quiz unir-vos tambem ao mesmo dia,
Unindo a PEDRO ao Sceptro de MARIA.
Bemdito seja Deos, que he Rei dos Reis,
Que o Divino favor, que fez a Affonso,
Pela sua Divina Providencia (c)
Concede desde Affonso á Descendencia.
Aquelle Rei feliz da Edade de ouro,
Senhor D. Manoel, que he sem segundo,
Lá na Região do mundo dilatada
Fez esta condição verificada.
Pois sendo Successor de Thomé Santo
Na Azia dilatou a fé Divina,
Depois de seus Monarcas Ascendentes
Destruirem da Europa infetas gentes.
Mas primeiro, que ao Deos o sacrificio
Na Azia os Portuguezes celebrassem,
Tinhaõ visto do mar grandes segredos,
Occultos aos Tritoeus inda mais ledos.

Elles' ora sobindo aos Ceos mais altos,
 Por montes de cristal do Reino undozo,
 Ora do mar descendo ao mais profundo,
 Admiram raras coizas no seu fundo:
 Até que em fim o Deos de Piedade
 Os levou a plantar sua Lei santa;
 E nesta Região, passando os mares,
 Fizeram construir Templos, Altares.
 Deste Rei foi passando o favor santo
 A huns, e outros Reis, que se seguiram;
 E se parou n'um Rei esta Alliança,
 N'outro Rei continúa de Bragança.
 Este Grande Monarca venerado
 Da Nação Portugueza, e das estranhas,
 Sua Caza Real illustrou tanto,
 Que esta lyra não póde explicar quanto.
 Por isso sois bemdito n'uma Corte
 Do Reino, que o Senhor a si fizera;
 Bemdita sois MARIA entre as mulheres,
 Porque Christo vos deu os seus poderes.
 Vosso Reino he feliz, he venturozo;
 Pois o Ceo vos firmou no Throno Augusto
 Como sua Rainha, que adornada
 Das insignias Reaes sois adorada.
 Por bemditos mil vezes sois felices,
 Pois Deos vos abrirá os seus Thezouros;
 Será fertil, feliz vosso Reinado,
 E será vosso mando abençoado.
 Seraõ bemditos sempre os Regios frutos
 Da vossa geração feliz, ditoza;
 Bemditas producçoens da vossa terra,
 Quanto nella o Ceo dá, quanto se incerra.

Affim vemos em fim a santa graça
Nos dois Augustos Reis cumprir-se á risca ;
E a Fé , que deu a Affonso esta Alliança ,
Fará sempre feliz nossa esperanza.
E por isso (a favor do anciozo Reino)
Sóbe ao Throno MARIA sempre Augusta ;
Mas , qual oliveira abraçada ao cedro ,
Affim sóbe a Esposa enlassada em Pedro.
Desde o dia feliz da nossa gloria ,
Que chegou a dar luz a todo mundo ,
Ficou comvosco o Regio Principado ,
Que deveis reger , como Deos o ha dado.
E taõ grande favor Deos só concede
A'quelles , onde a santa Graça existe ;
Nem Saul , nem David seriaõ Reis ,
Se não fossem de Deos servos fiéis.
Não fora Judith de Israel a gloria ,
Nem seria Esther salvaçaõ do Povo ,
Se n'uma , e n'outra Deos não conhecera
A graça , por quem tudo se fizera.
E o Ceo , que só percebe a gente humana ,
A coraçõens filhos da impiedade
O seu Reino não dá ; mas só o entrega
Ao Rei fiel , que seu favor não nega.
Não , não duvide alguẽm da graça excelsa ,
Que o Filho de Deos crucificado
A Affonso concedeu em feliz dia ,
De cuja posse estaõ PEDRO , e MARIA.
E se Vós , venturozos Reis Augustos ,
Vistes em vossos Regios Ascendentes
Com honra singular , com gloria tanta
chover dos Ceos a graça sacrosanta ;

E hoje conheceis na Real Familia,
 A quem já (como o Sol) dais luz brilhante,
 Que só possuis a sagrada herança,
 Que exalta a grande Casa de Bragança;
 Já podeis com razão no Luzo Throno,
 Em todo o Portugal, na Europa toda
 Affirmar que Vós sois os dois Esposos,
 A quem Deos fez felizes, venturozos.
 E tal favor dos Ceos, mercê tão alta,
 Não recebestes, Vós, das mãos dos Homens,
 Foi das Mãos de Deos, das Mãos Clementes
 D'um Senhor immortal, d'hum Deos das gente:
 Pois quando o Grande Deos vos deu o Reino,
 Já vos tinha formado Reis condignos
 D'um firme Imperio seu; porque sois ramos
 D'outras Plantas sagradas, que adoramos.
 E dellas podeis ver qual he o sangue
 Excelso, que nas vêas vos circula;
 E quaes são as virtudes brilhadoras,
 Que são dos Ceos com vosco roubadoras;
 Que alcançaram de Deos o grande Imperio,
 Que ao Regio Poder vosso o entregaram,
 Sendo nas geraçoens continuado
 Até aos fins do mundo dilatado.

Fim da segunda lyra.

(a)

GENEALOGIA

*Dos Senhores Reis a Senhora D. MARIA , e o
Senhor D. PEDRO III pela Real Caza
de Bragança.*

I. **A** Senhora D. Maria , Rainha de Portugal , e seu Real Esposo o Senhor D. Pedro III. Rei do mesmo Reino.

II O Senhor D. Jozé I. Rei de Portugal.

III. O Senhor Rei D. Joaó V. Rei de Portugal.

IV. O Senhor D. Pedro II. Rei de Portugal.

V. O Senhor D. Joaó IV. Rei de Portugal.

VI. O Senhor D. Theodozio II. Duque de Bragança.

VII O Senhor D. Joaó I. Duque de Bragança.

VIII. O Senhor D. Theodozio I. Duque de Bragança.

IX. O Senhor D. Jaime IV. Duque de Bragança.

X. O Senhor D. Fernando II. Duque III de Bragança.

XI. O Senhor D. Fernando I. Duque II. de Bragança.

XII. O Senhor D. Affonso I. Duque de Bragança.

XIII. O Senhor D. Joaó I. Rei de Portugal.

Outra Genealogia dos mesmos Senhores , pela mesma Real Caza de Bragança.

I. **A** Senhora D. Maria , Rainha de Portugal , e seu Real Esposo o-Senhor D. Pedro III. Rei do mesmo Reino.

II O Senhor D. Jozé I. Rei de Portugal,

III. A Senhora D. Marianna de Austria Rainha de Portugal.

IV. A Senhora Imperatriz Leonor Magdalena.

V. A Senhora Princeza Izabel Amelia Elcitriz Palatina.

VI A Senhora Princeza Sofia Leonor Landgrave de Haffe Darm.

VII. A Senhora Princeza Magdalena Sybilla , Elcitriz de Saxonia.

VIII. A Senhora Princeza Maria Leonora , Duqueza de Prussia.

IX. A Senhora Arquiduqueza Maria , Duqueza de Claves.

X. O Imperador Fernando I.

XI. A Senhora Princeza D. Joanna , Rainha de Hesso.

XII A Senhora Princeza D. Izabel , Rainha Catholica.

XIII. A Senhora Princeza D. Izabel , Rainha de Castella.

XIV. A Senhora Infanta D. Izabel.

XV. O Senhor D. Affonso , Duque de Bragança.

XVI. O Senhor D. Joaó , Rei de Portugal.

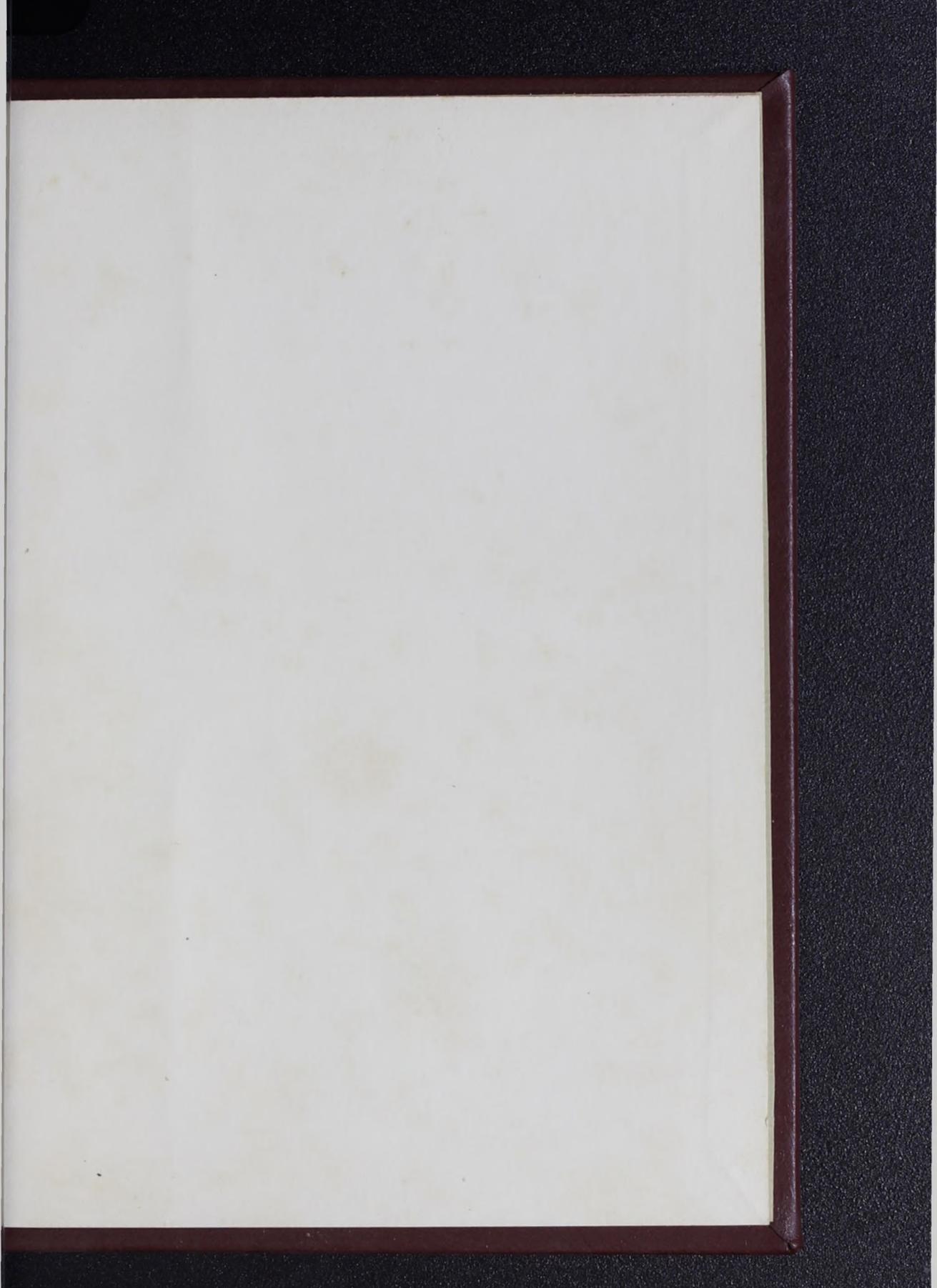
(b) Estes dois gloriozoz Ramos são o Senhor D. Pedro III. Filho do Senhor Rei D. Joaó V. Bisneto do Senhor Rei D. Joaó IV. Duque de Bragança , e ao depois Rei , e Restaurador do Reino ; e a Senhora D. Maria Rainha do mesmo Reino , Filha do Senhor Rei D. Jozé I. Neta do Senhor Rei D. Joaó V. Bisneta do Senhor Rei D. Pedro II. , e Terceira Neta do Senhor Rei D. Joaó IV. como já fica dito.

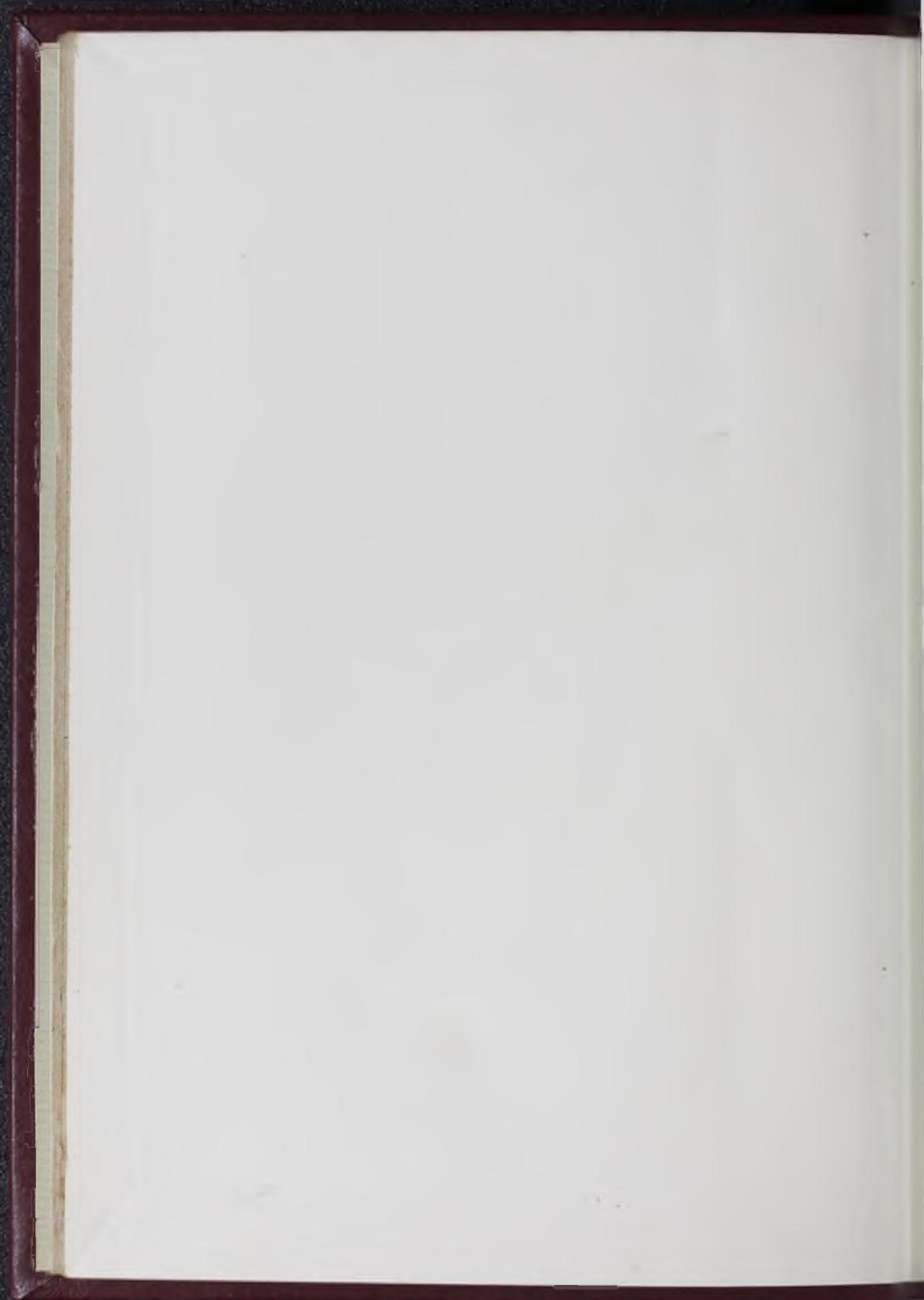
(c) Prin-

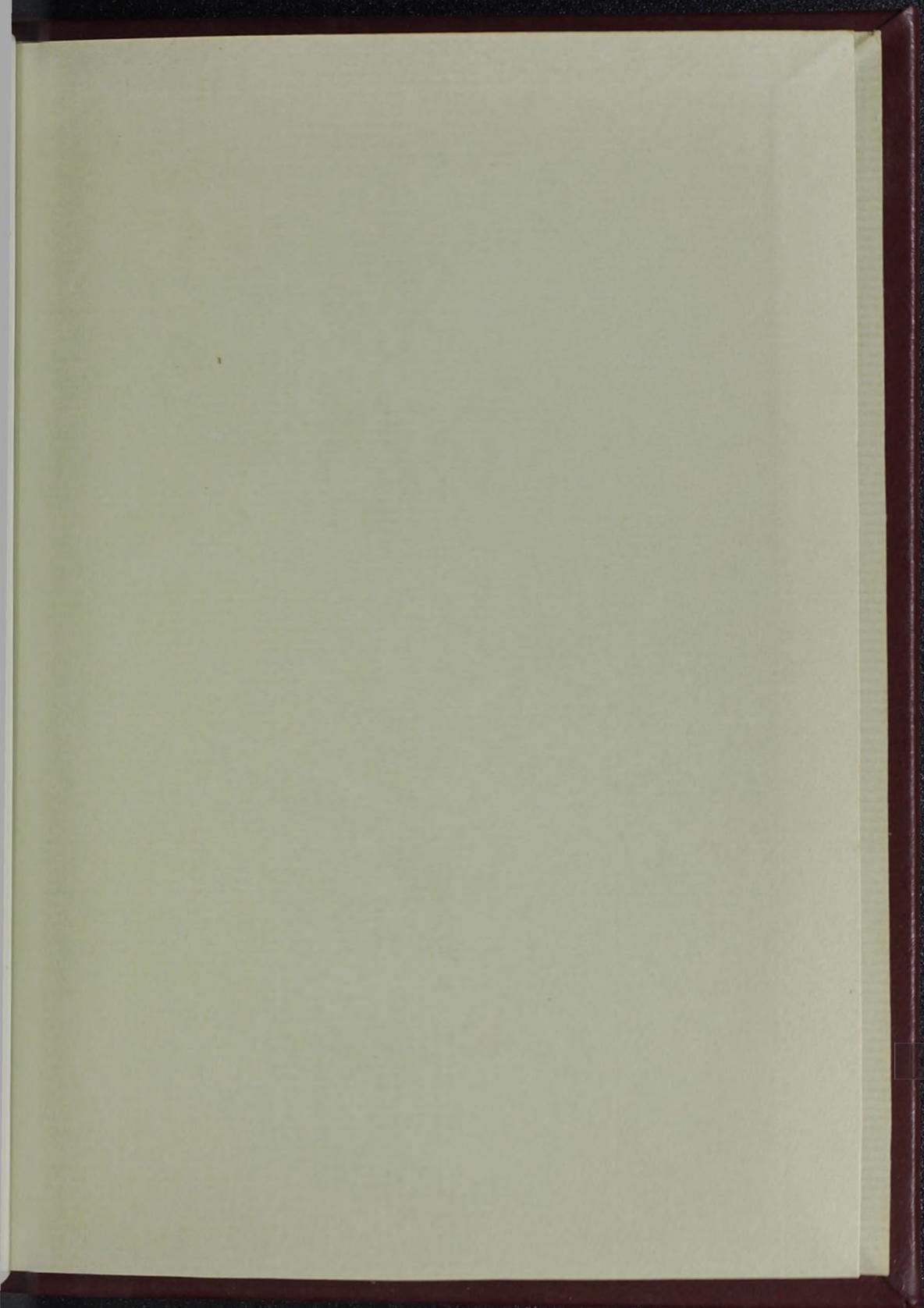
(c)
*Principes, e Reis Portuguezes do Reino
 de Portugal.*

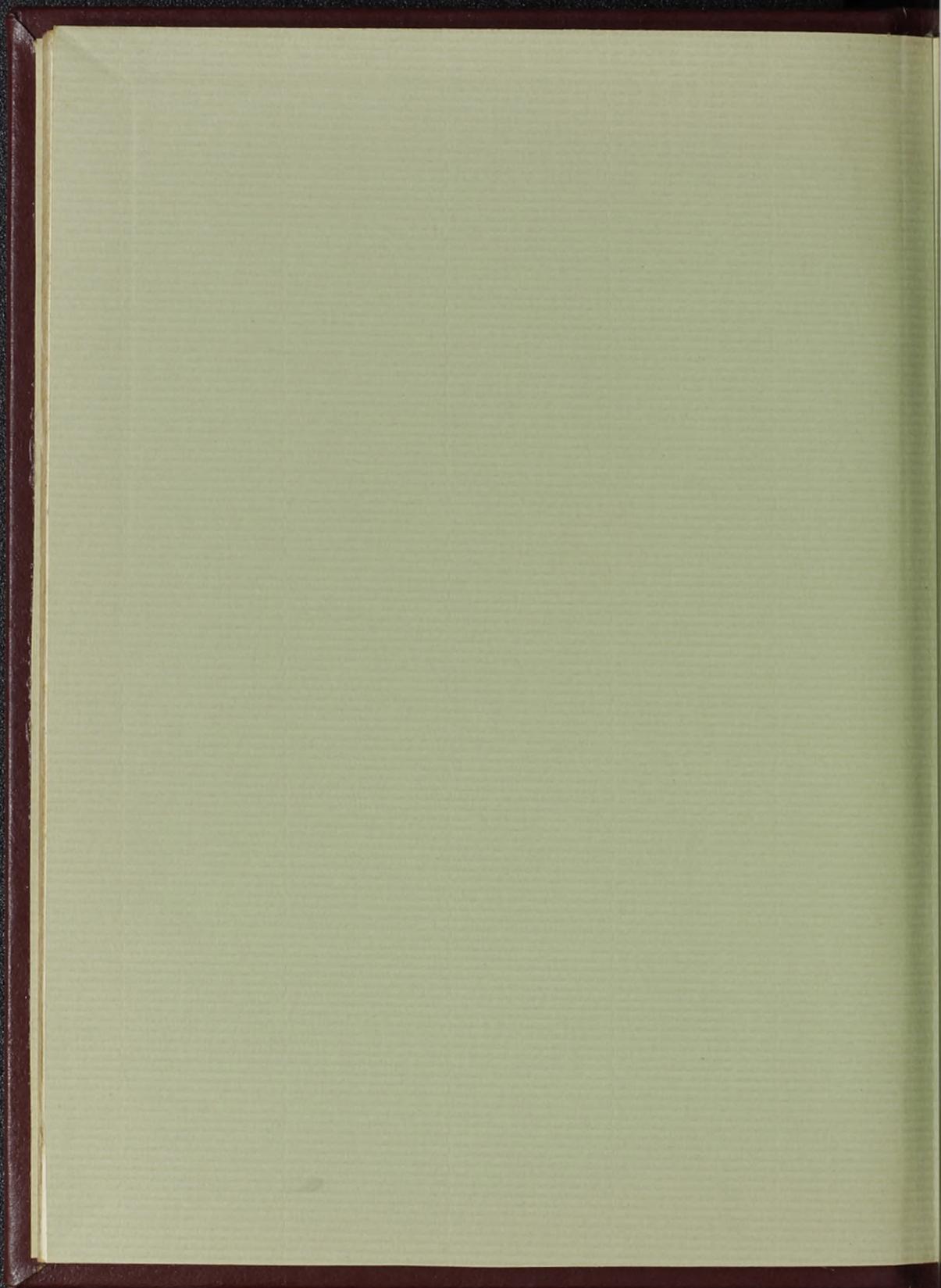
- | | |
|---|---|
| <p>I. O Senhor D. Henrique, Conde de Portugal.</p> <p>II. O Senhor D. Affonso Henriques, Rei de Portugal.</p> <p>III. O Senhor D. Sancho I.</p> <p>IV. O Senhor D. Affonso II.</p> <p>V. O Senhor D. Sancho II.</p> <p>VI. O Senhor D. Affonso III.</p> <p>VII. O Senhor D. Diniz.</p> <p>VIII. O Senhor D. Affonso IV.</p> <p>IX. O Senhor D. Pedro I.</p> <p>X. O Senhor D. Fernando.</p> <p>XI. O Senhor D. Joaõ I.</p> <p>XII. O Senhor D. Duarte.</p> <p>XIII. O Senhor D. Affonso V.</p> | <p>XIV. O Senhor D. Joaõ II.</p> <p>XV. O Senhor D. Manoel.</p> <p>XVI. O Senhor D. Joaõ III.</p> <p>XVII. O Senhor D. Sebastiaõ.</p> <p>XVIII. O Senhor D. Henrique, Cardial Rei.</p> <p>XIX. O Senhor D. Joaõ IV.</p> <p>XX. O Senhor D. Affonso VI.</p> <p>XXI. O Senhor D. Pedro II.</p> <p>XXII. O Senhor D. Joaõ V.</p> <p>XXIII. O Senhor D. Jozé I.</p> <p>XXIV. A Senhora D. Maria, e o Senhor D. Pedro III.</p> |
|---|---|

Toda a sobredita-Serie Real dos Soberanos Monarcas de Portugal são a fa-noza, e destinada Descendencia do Senhor Rei D. Afonso Henriques, a quem o Ceo patrocina.









094. 2
H4472

